



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

EDUCAÇÃO

ISSN IMPRESSO 2316-333X

E-ISSN 2316-3828

DOI-10.17564/2316-3828.2018v6n3p17-28

NÚMERO TEMÁTICO - PROCESSOS DE FORMAÇÃO E ENSINO-APRENDIZAGEM NA CIBERCULTURA

APRENDIZAGEM NA CIBERCULTURA: UM NOVO OLHAR SOBRE AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO DIGITAL NO CONTEXTO EDUCATIVO UBÍQUO

CIBERCULTURE LEARNING: A NEW LOOK AT INFORMATION TECHNOLOGIES AND DIGITAL COMMUNICATION IN THE UBÍQUO EDUCATIONAL CONTEXT

APRENDIZAJE EN LA CIBERCULTURA: UN NUEVO MIRAR SOBRE LAS TECNOLOGÍAS DE INFORMACIÓN Y COMUNICACIÓN DIGITAL EN EL CONTEXTO EDUCATIVO UBICUO

Bento Silva¹

Elaine Jesus Alves²

RESUMO

O fenômeno da cibercultura representa o cenário em que ocorre as mudanças sentidas na educação e formas de aprender neste século XXI. Este artigo parte do pressuposto que vivemos na emergência de uma sociedade cibercultural, em tempos de mobilidade e ubiquidade e que, portanto, a aprendizagem pode ocorrer em diferentes lugares, com diversos dispositivos tecnológicos, a qualquer tempo, e não restritamente no ambiente escolar. Pretende-se refletir sobre o conceito de aprendizagem ubíqua ou aberta (SANTAELLA, 2013), em que os dispositivos não são apenas meios mas constituem estratégias de empoderamento pedagógico (SILVA, 2001), devendo os docentes possuir formação adequada

voltada para a literacia digital. Iniciamos o artigo com uma discussão sobre mudanças de cenários decorrentes do fenômeno da cibercultura que implica nas formas de aprender e se ensinar. Apresentamos ao final do texto a experiência do uso da rede social Facebook no contexto educativo ubíquo de um curso de formação de servidores públicos na Universidade Federal do Tocantins.

PALAVRAS-CHAVE

Cibercultura. Aprendizagem Ubíqua. Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. Facebook.

ABSTRACT

The phenomenon of cyberculture represents the scenario in which the changes felt in education and ways of learning occur in this 21st century. This article starts from the assumption that we live in the emergence of a cybercultural society, in times of mobility and ubiquity, and that, therefore, learning can occur in different places, with various technological devices, at any time, and not strictly in the school environment. It is intended to reflect on the concept of ubiquitous or open learning (SANTAELLA, 2013), in which the devices are not only means but constitute pedagogical empowerment strategies (SILVA, 2001), and the teachers must have adequate training focused on

digital literacy. We begin the article with a discussion about changes in scenarios arising from the phenomenon of cyberculture that implies ways of learning and teaching. We present at the end of the text the experience of using the social network Facebook in the ubiquitous educational context of a training course for civil servants at the Federal University of Tocantins.

KEYWORDS

Cyberculture. Ubiquitous learning. Digital Information and Communication Technologies. Facebook.

RESUMEM

El fenómeno de la cibercultura representa el escenario en que ocurren los cambios percibidos en la educación y formas de aprender en este siglo XXI. Este artículo parte del supuesto de que vivimos en la emergencia de una sociedad cibercultural, en tiempos de movilidad y ubicuidad, y que, por lo tanto, el aprendizaje puede ocurrir en diferentes lugares, con diversos dispositivos tecnológicos, en cualquier momento, y no restrictamente en el ambiente escolar. Se pretende reflexionar sobre el concepto de aprendizaje ubicuo o abierto (SANTAELLA, 2013), en que los dispositivos no son solo medios sino que constituyen estrategias de empoderamiento pedagógico (SILVA, 2001), debiendo los docentes poseer una formación adecuada orien-

tada a la alfabetización digital. Iniciamos el artículo con una discusión sobre cambios de escenarios derivados del fenómeno de la cibercultura que implica las formas de aprender y de enseñar. Presentamos al final del texto la experiencia del uso de la red social Facebook en el contexto educativo ubicuo de un curso de formación de servidores públicos en la Universidad Federal de Tocantins.

PALABRAS-CLAVE

Cibercultura. Aprendizaje ubicuo. Tecnologías Digitales de Información y Comunicación. Facebook.

1 INTRODUÇÃO

As discussões sobre o uso das tecnologias nas práticas educacionais não são recentes. Da entrada dos livros nos estabelecimentos de ensino, perpassando pela introdução do quadro-negro até à chegada dos computadores na escola, transitou-se um longo caminho permeado de diversas concepções pedagógicas. Nos dias atuais, computadores fixos já não são os dispositivos mais acessados pelos usuários.

A pesquisa “TIC Domicílios”, realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (2014) com o objetivo de medir o acesso e os usos da população brasileira em relação às tecnologias de informação e comunicação no período de outubro de 2014 a março de 2015, constatou que, do universo de 148,2 milhões de usuários de aparelhos celulares no Brasil, 81,5% acessaram a internet a partir dos seus dispositivos móveis. Portanto, grande parte da população em idade escolar tem em mãos o acesso a informações disponibilizadas na rede.

Enquanto educadores otimistas não tecnólatras, mas otimistas com sentido reflexivo (SILVA, 1999) entendemos que vivemos uma nova era de aprendizagem aberta e que faz-se necessário aproveitar as potencialidades das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) nos processos de inovação pedagógica, contudo, há ainda quem seja tecnofóbico e resista à presença das tecnologias digitais na educação, sobretudo quando se fala em integrar as tecnologias móveis nas aulas.

Sabemos que decorrer da história da humanidade o ser humano sempre utilizou da tecnologia disponível, em cada era, para comunicar e fez uso dela nos processos de ensino-aprendizagem, seja por meio das remotas pinturas rupestres, tabuinhas de argilas, rolos de papiros, manuscritos, livros, quadro-negro, mimiógrafo, retroprojeter, entre outros artefatos (SILVA, 2005). Todos estes artefatos constituíam “meios” para ajudar o professor a atingir um determinado objetivo didático, cumpriam o seu papel de apoio na transmissão da informação e reprodução do conteúdo de determinada área do conhecimento.

No entanto, as atuais tecnologias presentes nos dispositivos digitais conectados à internet (como computador, notebook, tablet ou celular) não são apenas um meio para ajudar o professor a transmitir um determinado conteúdo, estão muito para além dessa função de apoio, pois, se usadas de forma adequada, potencializam e empoderam intelectualmente professores e alunos. Por exemplo, o quadro-negro é especificamente um meio que o professor utiliza para dar (transmitir) determinado conteúdo nas suas aulas. Assim como o é o mais moderno *Datashow* ou qualquer dispositivo utilizado na sala de aula para apresentar um conteúdo, assumindo, de uma forma geral, a natureza de um documento em *PowerPoint*.

Porém, na vida cotidiana o aluno não vai precisar aprender usar o quadro-negro ou o aparelho de *Datashow* para resolução de problemas ou tomadas de decisões. A Sociedade da Cibercultura, que vivenciamos hoje, vai sim requerer que o que o jovem aluno aprenda é a acessar à informação na internet, a selecionar e filtrar informações relevante, a produzir um trabalho colaborativo em rede, a compartilhar o conhecimento produzido, ou seja, são estas as ações que os jovens devem aprender com o uso das TDIC e que serão úteis para a vida académica, pessoal e profissional futura.

Neste sentido, este artigo traz um arcabouço teórico e contextual do uso das tecnologias na educação com o intuito de compreender porque ainda se usa nas escolas as TDIC como “ajudas didáticas” ao professor e meios de transmissão e reprodução de conteúdo, quando vivemos num tempo da ecologia comunicacional marcada pela “conectividade, mobilidade e ubiquidade” (SANTAELLA, 2010), que favorece uma aprendizagem ubíqua ou aberta em que os dispositivos não são apenas meios, mas constituem estratégias de empoderamento intelectual (SILVA, 2001).

Para tal, faz-se necessário que exista uma formação docente adequada voltada para a literacia midiática digital, entendida na capacidade do indivíduo em acessar, analisar, compreender e avaliar de modo crítico as mídias, bem como em criar comunicações para diferentes contextos (LOPES, 2013). A primeira parte do texto expõe o contexto de mudanças decorrentes

da expansão das TDIC com implicância nas formas de aprender e ensinar na era digital. A segunda parte apresenta uma experiência de uso da rede social Facebook no contexto educativo de um curso de aperfeiçoamento de servidores de uma universidade pública.

2 APRENDIZAGEM UBÍQUA E CULTURA DIGITAL

O sociólogo Manuel Castells considera que na história da humanidade, pela primeira vez, 97% da informação do mundo está digitalizada e 80% está na internet (CASTELLS, 2014). As redes de comunicação digital são, atualmente, a “Biblioteca de Alexandria”, que entre os séculos III a.C. e IV d.C. continha praticamente todo o saber da Antiguidade, em cerca de 700 mil rolos de papiro e pergaminhos. Lévy (2015) analisa que o acesso imediato a dicionários, enciclopédias, livros, vídeos educativos e outros dispositivos fornece ao usuário da internet acesso às imensas bibliotecas do mundo. Neste sentido, o usuário da internet tem diante de si um universo abundante de informação nunca disponibilizado, basta-lhe apenas a capacidade de buscar, filtrar, analisar e fazer conexões críticas com os saberes que já possui.

As mudanças ocorridas nesta geração de “dedos velozes” não são apenas nas habilidades com o uso dos celulares e *tablets* conectados à internet (Serres, 2013). Diferente dos frequentadores da Biblioteca de Alexandria que tinham de ir até ao prédio para acessar os papíros, manuscritos e rolos, os frequentadores da rede mundial da internet podem acessar as informações a *qualquer hora* estando em *qualquer lugar*. O que falta não são informações, mas competências técnicas e, sobretudo, cognitivas para selecionar e filtrar as informações de credibilidade numa visão crítica. Neste sentido, os dispositivos móveis (como *tablets* e *smartphones*) nas mãos dos estudantes possuem um potencial relevante para acessar às informações disponíveis na rede.

Mas essa informação não vira conhecimento automaticamente e nem pode o saber ser transferido para o estudante numa opção *download*, assim como apenas acessar os livros da “Biblioteca de Alexandria” não torna-va aquele visitante um sábio. Exigia estudo, dedicação,

ajuda experiente e reflexão sobre as leituras realizadas. Portanto, neste cenário de amplo acesso às tecnologias, se usadas com senso crítico e analítico para coletar, processar e usar as informações para gerar conhecimento, o papel do professor muda de portador do conhecimento para problematizador, instigador, provocador e mediador no processo de ensino-aprendizagem.

As instituições escolares ainda detêm o poder do saber acadêmico. Naturalmente todas as pessoas precisavam frequentar cursos regulares em escolas para obter diplomas e certificados essenciais para o mundo do trabalho. No entanto, como afirma Castells (2014), algumas instituições insistem na pedagogia da transmissão de conteúdos e isso se torna redundante uma vez que a informação está disponível na rede. O fato de podermos aceder a informações que se encontram em múltiplos lugares, independente da distância física e de podermos comunicar com qualquer indivíduo que se encontre em qualquer lugar, desde que tenho acesso à rede internet, torna cada vez mais relevante o conceito de comunicação ubíqua e a respetiva repercussão educativa: a aprendizagem ubíqua (SILVA; FALAVIGNA, 2016).

A ubiquidade é a capacidade de um indivíduo poder estar presente em vários os lugares ao mesmo tempo. O termo tem sido usado para definir o estado do usuário da internet que pode estar presente em vários lugares e comunicar-se durante este deslocamento. Para a autora Lúcia Santaella, mobilidade e ubiquidade são conceitos distintos, mas estão fortemente associados pois são as tecnologias móveis que permitem que um indivíduo esteja em permanente contato, mesmo em deslocamento, a uma pluralidade de lugares, em simultâneo (SANTA-ELLA, 2013). A autora, em outro texto da sua profícua obra sobre o assunto, explica a diferença das redes ubíquas móveis com as redes digitais da web 2.0:

Enquanto as redes digitais, por sua própria natureza, são sempre móveis, a entrada nas redes implicava que o usuário estivesse parado à frente do ponto fixo do computador. Agora, ao carregar consigo um dispositivo móvel, a mobilidade se torna dupla: mobilidade informacional e mobilidade física do usuário. [...] O acesso passa a se dar em qualquer momento e em qualquer lugar. Acessar e enviar informações, transitar entre elas, conectar-se com as pessoas, coordenar

ações grupais e sociais em tempo real tornou-se corriqueiro. (Santaella, 2014, p. 34).

Lucia Santaella denomina o fenômeno desta era contemporânea de *cultura digital* (Santaella, 2003), fazendo um percurso das eras culturais no decorrer da história da humanidade, desde a cultura oral, a escrita, a impressa, a de massas, a das mídias até chegar à cultura digital. Esta marca digital está presente não apenas no uso dos computadores fixos, mas em todos lugares por meios das redes wifi e dispositivos portáteis conectados à internet. Deste modo, o espaço físico funde-se com o espaço virtual, constituindo ambientes de espaços de hipermobilidade, espaços intersticiais, espaços híbrido ou misturado.

Também, Silva (2002) considera que, a potencialização das tecnologias permite repensar a escala da aprendizagem, já não restrita à comunidade local, mas a um agir entre o local e o global (e vice-versa), raiz da ubiquidade pelo compartilhamento de lugares. Deste modo, as tecnologias digitais e a Web permitem expandir o território local para os espaços desterritorializados do saber, mapear o global e o local em geometrias variáveis. Na opinião deste autor, estas redes *glocalizadas* constituem

[...] uma potencial plataforma para fazer emancipar progressivamente as comunidades, na medida em que através dela se podem desabrochar novas energias emancipatórias e realizar os princípios da autonomia, da participação, da colaboração e da solidariedade. (SILVA, 2002, p. 783).

Portanto, da trajetória da humanidade dos seus primórdios em que a aprendizagem era realizada num contexto de comunicação interpessoal, em que o homem era o próprio *medium*, até ao homem ubíquo dos dias atuais, ocorreram muitas mudanças. De entre elas, houve um avanço notável das tecnologias de informação e comunicação, provocando um fato inegável: a aprendizagem não é mais monopólio da escola.

Neste contexto nasce o conceito de “cibercultura”; Lévy (1998, p. 17) a descreve como o “conjunto das técnicas (materiais e intelectuais), as práticas, as atitudes, as maneiras de pensar e os valores que se desenvolvem

conjuntamente com o crescimento do ciberespaço”. A cibercultura emergiu das relações digitais on-line entre os seres humanos e os conteúdos digitalizados acessados na rede que reestruturaram outras dinâmicas sociais, econômicas, políticas, culturais e educacionais.

Na primeira fase da cibercultura (início do uso da internet), segundo Santos (2014) exigia-se do usuário conhecimento da linguagem HTML para se produzir conteúdo e interfaces. Também era necessário ter acesso a um servidor, quase sempre pago, para se hospedar os conteúdos e interfaces. A internet constituía um repositório de informações variadas para pesquisa, mas ainda era limitada para produções pessoais.

A autora afirma que “o ciberespaço era um espaço bastante distanciado dos espaços urbanos, entre eles os espaços escolares” (SANTOS, 2014, p. 30). A autora usa a metáfora *download* e *upload* para descrever as práticas educativas com o uso da internet naquele período. A prática pedagógica *download* era baseada no acesso a conteúdo para serem reutilizados nas salas de aulas físicas ou laboratório de informática com os alunos. Com a popularização da linguagem HTML muitos professores começaram a publicar em *home pages*, sites pessoais ou institucionais, constituindo a fase do *upload*.

A educação nesta conjuntura deixou de ser intermediada exclusivamente pelas instituições educativas. Lévy (1998, p. 45) cita a “desintermediação” que a expansão das tecnologias de informação e comunicação causaria na sociedade e nas instituições, de entre elas a escola. A escola filtrava os conteúdos a serem estudados, formalizando-os em um currículo fechado do qual os alunos seguiam por intermédio de livros didáticos escolhidos pelo corpo docente da escola. Com o ciberespaço e o fomento da cibercultura os processos de intermediação deixam de ser hierarquizados e resultam dos próprios indivíduos de acordo com suas necessidades e interesses.

De acordo com Luke (2000), no contexto da cibercultura, especialista não é quem está a par de todas notícias e informações, mas aquele que, tomando conhecimento dos fatos descontextualizados, procura a conexão entre os recortes de informações, associa outras informações relevantes e consegue fazer uma

leitura crítica da situação. Segundo Santos (2014), em tempos de cibercultura ubíqua, o conceito de mobilidade também se modificou. Desde a invenção da imprensa, os leitores podiam circular com seus livros nos espaços da cidade, e isso também ocorreu na “era eletrônica” com a invenção das câmeras fotográficas, rádios a pilha e *walkmans* que possibilitavam a mobilidade física dos usuários destas tecnologias.

Em tempos de cibercultura avançada, Santos (2014, p. 32) ressalta: “a mobilidade ganha potência por conta da sua conexão com o ciberespaço. Na era da mobilidade com conexões generalizadas em rede, podemos compartilhar e acessar simultaneamente vários lugares”. Portanto, a mobilidade não se trata de circular com os notebooks, tablets e celulares pelos espaços físicos, mas aproveitar o potencial das convergências das mídias para circular no ciberespaço com a capacidade de interagir ao mesmo tempo em diferentes contextos, lugares, com diversas pessoas.

A seguir apresentamos uma experiência de um contexto educativo ubíquo em que foram utilizadas a rede social *facebook* num curso de aperfeiçoamento na Universidade Federal do Tocantins.

3 EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM EM CONTEXTO EDUCATIVO UBÍQUO: USO DO FACEBOOK

Educadores cientes do potencial das TDIC no âmbito da aprendizagem ubíqua têm cada vez experimentado novas formas de integrar as tecnologias nas suas práticas pedagógicas. Muito se tem publicado na literatura especializada sobre experiências que contemplam o uso de TDIC, como aplicativos de mensagens instantâneas e redes sociais em contextos educativos (RECUERO, 2009; BERE, 2012; YEBOAH; EWUR, 2014). O *Facebook*, com muita popularidade no Brasil (8 em cada 10 brasileiros conectados estão no Facebook (COSSETTI, 2016)), tem sido usado em práticas formativas do ensino básico ao superior (FERREIRA; CORREIA; TORRES, 2012; TORRES; FIALHO; SHIMAZAKI, 2014; MATOS; FERREIRA, 2014; PORTO; SANTOS, 2014).

De modo geral, estes estudos revelam que as redes sociais constituem potenciais estratégias que podem ser utilizadas como ambiente virtual de aprendizagem formal ou informal, pois reúnem diversos tipos de mídias em um único ambiente o que possibilita a aprendizagem colaborativa, a interação entre os participantes e diversas possibilidades pedagógicas para construção do conhecimento, ou seja, “Publicar, Curtir e Compartilhar”, como intitulam Porto e Santos (2014) a obra que organizaram sobre *Facebook e Educação*.

A rede social *Facebook* contribuiu como suporte no processo de aprendizagem e interação entre os servidores da Universidade Federal do Tocantins, formandos do Curso Integração do servidor na UFT 2016. O público alvo do curso eram servidores que haviam ingressado por meio de concurso público na instituição nos anos de 2014 a 2016. O objetivo da formação era integrar e desenvolver o servidor na UFT, apresentando aspectos de sua carreira, as diretrizes da instituição e vivências.

O curso foi ministrado na plataforma *Moodle* e sua grade curricular era composta de 4 módulos assim distribuídos: Módulo 1 – Conhecendo a Universidade; Módulo 2 – Carreiras, Vivências e Procedimentos na UFT; Módulo 3 – Noções Básicas da Administração Pública aplicada à Gestão Universitária; Módulo 4 – Educação Superior Pública. Participaram da formação 125 servidores, entre técnicos administrativos e docentes dos sete *campus* da UFT. Neste texto vamos cingirmo-nos apenas à atividade do módulo I em que se fez uso do *facebook* como tecnologia de aprendizagem.

O módulo 1, “Conhecendo a sua universidade”, tinha como objetivo promover a integração dos participantes do curso na universidade e com outros colegas. Neste sentido foram propostas atividades que envolviam a interação com os colegas e a reflexão dos participantes sobre seu papel na universidade. O uso do *Facebook* contribuiu para esta integração, pois algumas atividades do curso podiam ser realizadas do aparelho celular do cursista e a interação com os colegas, tutor e professor se tornou mais eficaz.

O primeiro módulo focou, tendo em vista que o objetivo do curso era promover a integração dos

servidores recém-empossados na universidade, em estratégias para possibilitar a socialização e interação entre os participantes, considerando que estão lotados em diferentes setores e campus da instituição². Neste sentido, a exploração do *facebook* nas atividades visava promover a interação entre os servidores que não se conheciam pessoalmente, visto estarem dispersos por vários *campus*, alguns muito afastados territorialmente.

Na primeira unidade temática do módulo 1 era apresentada a história da UFT, sendo a primeira atividade um fórum de interação na sala virtual do *Moodle* em que os participantes foram convidados a postar a história deles com a universidade, o primeiro contato, as expectativas e realidades encontradas (uma narrativa, em jeito de *storytelling*). Ainda como parte desta atividade foi criada uma página no *Facebook* em que os participantes foram convidados a postar uma foto relacionada com a história do seu *campus* ou da UFT. Na Figura 1 é possível visualizar o *layout* da página.

Figura 1 – *Layout* da página do curso de Integração dos servidores da UFT 2016 no Facebook



Fonte: Acervo do autor

² A Universidade Federal do Tocantins possui sete campus universitários numa extensão que atinge de norte a sul do Estado do Tocantins num raio de 600 km. Daí que a Educação Online, e em particular seu ambiente de aprendizagem ubíqua, seja de grande relevância este contexto disperso, de grande amplitude geográfica.

Assim, a atividade na página do Facebook envolvia o participante do curso em pesquisar fotos na internet que contavam a história da UFT e compartilhar com os colegas na rede social. A atividade teve uma expressiva adesão, verificando-se que todos tinham página no *facebook* e participaram da atividade. No início, os participantes cumpriram o enunciado, postando fotos relacionadas com a história da UFT, como observamos na Figura 2, mas depois passaram a postar atividades dos seus respectivos *campus*, o que possibilitava a integração entre os servidores.

Figura 2 – Participação de participante na atividade proposta no Facebook.



Fonte: Acervo do Autor

Os participantes aproveitaram o espaço da rede social para divulgar fotos de inaugurações nos seus respectivos *campus*, atividades de pesquisa e extensão, movimento grevista, campanhas solidárias, comemorações do dia do servidor público e até fotos de aniversariantes do mês. Considerando que se tratava de uma atividade complementar do fórum de integração, todas as postagens foram permitidas.

Houve uma combinação no início da atividade de que não seriam aceitas postagens que fugissem do âmbito da proposta, como mensagens religiosas, movimento político, venda de mercadorias, postagens de atividades da vida pessoal ou mensagens de autoajuda. Os participantes respeitaram este combinado até ao fim do módulo 1. Depois a página

continuou no *Facebook* e os servidores a usam, ainda, para postar informações e notícias aos colegas. Assim, o *Facebook* continua a integrar estes servidores no dia a dia.

Algumas postagens (FIGURA 3) tinham uma mistura de nostalgia, pois os participantes lembravam o seu primeiro contato com a universidade, o que consideramos positivo.

Foto 3 – Relato de uma participante sobre seu primeiro contato com a universidade



Fonte: Acervo do autor

Os participantes foram incentivados a curtir e comentar as fotos dos colegas, o que consideramos muito importante neste tipo de intervenção com aporte das tecnologias. Moreira e Januário (2014, p. 79) comentam sobre a potencialidade do *Facebook* em relação à interatividade entre os alunos e professores:

Sendo o Facebook, por excelência um espaço de interação e comunicação, o professor pode aproveitar as muitas horas que os seus estudantes passam conectados, para utilizá-lo como um espaço de partilha de conteúdos multimídia, de vídeos, de músicas, de fragmentos de filmes ou de peças de teatro, relacionados com os temas lecionados. Para, além disso, pode, também, aproveitar esse tempo para promover discussões e debates sobre os assuntos tratados.

Esses autores advertem que a rede social *Facebook* não foi criada com o intuito de ser um ambiente virtual de aprendizagem, assim, um dos desafios para o professor é compreender como poderá usar pedagogicamente esta plataforma, consciente de que a sua utilização “pressupõe alguns riscos e por isso há que estabelecer previamente regras e códigos de conduta, tal como em qualquer ambiente de aprendizagem, quer seja presencial, quer seja online” (MOREIRA; JANUÁRIO, 2014, p.79-80). A mediação do professor ou tutor envolvido na formação é muito importante. Apenas criar a página ou grupo no Facebook e deixar os alunos “soltos” a comentar não produziria o efeito da rede social, apenas um mural de postagens. Neste sentido, na experiência no curso de Integração dos servidores da UFT, a professora do módulo I comentava todas as postagens dos alunos de forma positiva e motivadora como mostra por exemplo a Figura 4.

Figura 4 – Interação da professora em postagem de aluno em página do Facebook do curso de Integração de servidores da UFT 2016



Fonte: Acervo do autor

Sobre a percepção dos alunos em relação ao uso do *Facebook* como suporte nesta atividade, os parti-

cipantes foram convidados a fazer uma avaliação das atividades realizadas, sendo os comentários, na sua maioria, bastante positivos como se pode verificar nos extratos seguintes:

Foi interessante perceber nas postagens do Facebook como cada um de nós constitui uma parte da história da UFT. Cada uma de nossas ações é responsável por escrever a história da instituição. Isso significa dizer que todos nós contribuimos diretamente para o crescimento e fortalecimento da UFT. Rafael Silva
Esse primeiro modulo foi muito interessante, tendo em vista que as atividades, que o curso proporcionou, favoreceram um conhecimento mais aprofundado sobre a UFT. As imagens postadas no Facebook foram importantes para perceber um pouco da história dessa Instituição que trabalhamos. Marilene Soares
Confesso que achei muito interessante a ideia de fazer uso das redes sociais para difusão de conhecimento e interação, apesar de não utilizar o Facebook, e ter que ativar por causa da atividade. Lays Noletto

Assim, de modo geral a atividade foi bem aceita, mas houve também casos de participantes que se queixaram em relação ao uso da rede social, alegando que nem todos usam o *Facebook* no seu dia a dia e ainda reclamações sobre a falta de tempo para acessar a rede social e acompanhar as interações na página do curso. Num caso extremo, uma componente recusou-se a participar da atividade e postou com indignação no fórum que não era obrigada a participar do *Facebook* porque ela estava ali para estudar e não para ver fotos. Respeitou-se a posição da aluna, porém explicou-se que a atividade, embora parecesse lúdica, cumpria o objetivo da proposta que era promover a integração entre os servidores.

Portanto, na visão de alguns formandos, ainda reside a concepção de aprendizagem do professor a falar e o aluno a escrever e ler textos, do modelo centrado no “falar-ditar”, como o apelida Marco Silva em sua obra *Sala de Aula Interativa* (SILVA, 2012). No ambiente virtual, os alunos esperam os conteúdos prontos, geralmente em formato PDF, e as atividades a serem realizadas por meio de questões de múltiplas respostas ou questionários que tolhem a criatividade do aprendiz.

Quando se propõe uma experiência que foge deste modelo tradicional, pode existir alguma resistência dos participantes em relação a aceitar uma proposta que rompe com o paradigma de uma educação “bancária” – conceito criado por Paulo Freire quando se referia ao modelo tradicional de uma prática pedagógica situada na transmissão de conteúdo do professor, detentor do saber, a um aluno passivo –, para, em seu lugar, passar a existir “a provocação à participação, à colaboração, permitindo aos aprendizes permutas, associações, reformulações e modificações na mensagem” (SILVA, 2012, p. 257).

Ora, no presente curso verificou-se que o *Facebook* se revelou um excelente recurso para este novo paradigma, bem como à aprendizagem em um contexto educativo ubíquo, pois possibilitou que participantes, vivendo e trabalhando em campus muitos distantes geograficamente, aprendessem juntos e reforçassem os laços de pertença a uma comunidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do exposto, está coerente que na Cibercultura a organização do trabalho didático se deve expandir para além dos muros da escola. Como nos primórdios da humanidade que se aprendia com a família e o meio em que se vivia, evoluindo para uso da escrita em manuscritos e mais tarde livros, hoje vivemos uma evolução visível: a escola não é mais o único detentor do conhecimento e o seu principal papel deve passar por causar reflexão, provocar e proporcionar experiências de aprendizagem. Neste novo paradigma, os alunos têm a possibilidade de serem provocados a trazer para a aula as informações que acessam na rede e ainda sair a campo para coletar dados sobre alguma área, compartilhando-os com os colegas. Portanto, produzir, criar e publicar constitui outra característica a ser explorada na cibercultura, que, num sentido mais amplo da colaboração em rede, pode bem assumir características de coprodução, cocriação e copublicação.

O uso do *Facebook* na experiência relatada neste curso demonstrou que as pessoas, em geral, aceitam

de forma positiva as tecnologias que fazem uso no seu dia a dia. Uma vez familiarizados com a rede social, os estudantes se identificam com suas aplicabilidades e acessam com mais facilidade as atividades propostas no curso. O *Facebook* tem diversos recursos que possibilitam fóruns de discussões, análise crítica de imagens e vídeos, colaboração em comunidades de aprendizagem e outras atividades que permitem abordagens inovadoras e sentimento de pertença dos aprendizes.

E isto pode ser feito no contexto da escola, mas também em diálogo com outras escolas e com outros atores das comunidades, próximas ou mais longínquas, independentemente da localização geográfica. Assim, no contexto de cibercultura, a educação deve ter cada vez mais em conta a possibilidade de se aprender em contextos ubíquos. Cabe ao professor estar preparado para se apropriar das tecnologias digitais, no geral, e em especial dos dispositivos conectados à Internet, como estratégias para potencializar suas propostas educativas junto aos seus alunos.

REFERÊNCIAS

- BERE, A. A comparative study of student experiences of ubiquitous learning via mobile devices and learner management systems at a South African university. Proceedings of the **14th Annual Conference on World Wide Web Applications**. Durban, 7-9 november 2012.
- CASTELLS, M. A obsolência da educação. Disponível no youtube no dia 27 mar. 2014. <<https://www.youtube.com/watch?v=eb0cNrE3I5g>>. Acesso em: 23 jan. 2017.
- COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil. São Paulo: CETIC.BR, 2014.
- COSSETTI, Melissa Cruz. Facebook revela dados do Brasil na CPBR9 e WhatsApp 'vira ZapZap'. **G1**, 28 jan. 2016. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/01/facebook-revelados-do-brasil-na-cpbr9-e-whatsapp-vira-zapzap.html>>. Acesso em: 8 jun. 2017.
- FERREIRA, J. de L.; CORRÊA, B.; TORRES, P.L. O uso pedagógico da rede social Facebook. **Colabor@-A** Revista Digital da CVA-RICESU, v.7, n.28, 2013.
- LÉVY, P. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. **Revista FAMECOS**, n.9, p.37-49, 1998.
- LÉVY, P.P. A revolução digital está só no começo. (J. Machado, Entrevistador) **Jornal Correio do Povo**, caderno de sábado 14 de abril de 2015. Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.fronteiras.com/entrevistas/pierre-levy-a-revolucao-digital-so-estao-comeco>>. Acesso em: 21 fev. 2017.
- LOPES, M. Literacia digital dos professores do 2º e 3º Ciclos das escolas do Conselho Viseu. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2013.
- LUKE, C. Cyber-Schooling and technological chagen: Multiliteracies for new times. In: COPE, B.K. **Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures**. London: Routledge, 2000.
- MATOS E.; FERREIRA L.J. A utilização da rede social Facebook no processo de ensino e aprendizagem na universidade. In: PORTO, C.; SANTOS, E. (Org.). **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar [on-line]**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.
- MOREIRA, J.A.; JANUÁRIO, S. Redes sociais e educação: reflexões acerca do Facebook enquanto espaço de aprendizagem. In: PORTO, C.; SANTOS, E. (Org.). **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar [on-line]**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.
- PORTO, C.; SANTOS, E. (Org.). **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTAELLA, L. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**, p.23-32, 2003.

SANTAELLA, L. **A ecologia pluralista da comunicação**. Conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua**. Repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTAELLA, L. Desafios da ubiquidade para a educação. **Revista Ensino Superior Unicamp**, p.19-28, 2013. Disponível em: <<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/desafios-da-ubiquidade-para-a-educacao>>. Acesso em: 23 out. 2016.

SANTOS, E. **Pesquisa-Formação na Cibercultura**. Lisboa: Whitebooks, 2014.

SERRES, M. **A polegazinha**: uma nova forma de viver em harmonia e pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SILVA, B.D. Questionar os fundamentalismos tecnológicos: Tecnofobia versus Tecnolatria. In: DIAS, Paulo; FREITAS, Varela de (Org.). I Conferência Internacional Desafios. **Actas...** Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho do Projecto Nónio, 1999, p.73-89. Disponível em. <http://hdl.handle.net/1822/18146>. Acesso em 20 de jan. 2017.

SILVA, B.D. A tecnologia é uma estratégia. II Conferência Internacional Desafios 2001. **Actas...** Braga: Nonio, 2001, p.839-859.

SILVA, B.D. A globalização da educação: da escrita às comunidades de aprendizagem. In: O particular e o global no virar do Milênio, Cruzar Saberes em Educação. 5º Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. **Actas...** Porto: Sociedade, 2002, pp. 779-788.

SILVA, B.D., Ecologias da comunicação e contextos educacionais. **Revista Educação & Cultura Contemporânea**, n.2, p.31-51, 2005.

SILVA, B.; FALAVIGNA, G. Aprendizagem ubíqua na modalidade blearning: estudo de caso do mestrado de Tecnologia Educativa da UMinho. In: FALAVIGNA, G.; SILVA, B. **Temas educacionais**: tecnologias, sustentabilidade, docência e recursos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p.11-37.

SILVA, M. **Sala de aula interativa** – educação, comunicação, mídia clássica, internet, tecnologias digitais, arte, mercado, sociedade, cidadania. 6.ed. São Paulo: Loyola, 2012.

TORRES, P.; FIALHO, N.; SHIMAZAKI, N. A face educacional do Facebook: um relato de experiência. In: PORTO, C.; SANTOS, E. (Org.). **Facebook e educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

YEBOAH J. EWUR D. G. The impact of Whatsapp messenger on students performance in Tertiary institutions in Ghana. **Journal of Education and practice**, v.5, n.6, 2014. Disponível em: <<http://www.iiste.org/Journals/index.php/JEP/article/view/11241>>. Acesso em> 16 fev. 2017.

1 Professor Catedrático do Instituto de Educação da Universidade do Minho, Doutorado em Educação, na área da Tecnologia Educativa; Coordenador da área de Especialização de Tecnologia Educativa do Mestrado em Ciências da Educação; Membro da Comissão Diretiva do Programa de Doutoramento em "Aprendizagem Enriquecida com Tecnologia e Desafios Societais"; Integra o Centro de Competência da UMinho para a área das Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação e o Observatório de Educação a Distância e Elearning da Universidade Aberta (Portugal); Faz parte dos corpos dirigentes da Associação Científica Internacional de Psicopedagogia (ACIP).; Desenvolve atividades de docência, pesquisa e orientação nos Programas de Pós-Graduação em Tecnologia Educativa (Mestrado e Doutoramento); Autor de diversos trabalhos de investigação sobre Tecnologia e Comunicação Educacional, recaindo os seus atuais interesses de investigação na conceção, desenvolvimento e avaliação de estratégias para a integração das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC na Educação, particularmente na Educação Online; Foi Vice-Presidente do Instituto de Educação e Psicologia (2003- 2009) Foi Vice-Presidente do Instituto de Educação e Psicologia (2003-2010), Vice-Presidente do Instituto de Educação (2010-2013); e Diretor do Departamento de Estudos Curriculares e Tecnologia Educativa (2007-2016). E-mail: bento@ie.uminho.pt

Recebido em: 3 de Janeiro de 2018

Avaliado em: 1 de Abril de 2018

Aceito em: 4 de Abril de 2018

2 Programa de Doutoramento em Ciências da Educação – Tecnologia Educativa, Universidade de Minho/Portugal, Mestre em Avaliação de Políticas Públicas, Núcleo Pedagógico da Diretoria de Tecnologias Educativas - DTE/ UFT